

Viagem Para a Tragédia

JOHN REDDY

A IGREJA de St. Aloysius, com as suas espiras gêmeas recortadas em silhueta no horizonte, é um marco familiar a um canto da Universidade de Gonzaga, em Spokane, no Estado de Washington. Há mais de 80 anos que gerações de católicos da simpática comunidade têm sido batizadas, crismadas, casadas e sepultadas pela venerável igreja.

Pouco antes do meio-dia de 11 de novembro de 1971, um jovem magro e sério encostou seu carro perto do templo. Era Larry Harmon, de 21 anos, ex-aluno do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, considerado pelos professores um gênio em Matemática. Parcialmente ocultos pelo casaco xadrez, levava um rifle calibre 22 e uma marreta.

Ao entrar na igreja, o sacristão Hilary Kunz, de 68 anos, no alto de uma escada, dava corda num relógio. Quando Larry Harmon espatifou uma imagem de mármore, no fundo da igreja, Kunz desceu da escada, a fim de ver o que se passava. Harmon deu-lhe um tiro no coração. Depois avançou pela

ala leste da igreja, destruindo imagem após imagem. No santuário, derrubou metade do parapeito de mármore da comunhão, destruiu o púlpito, partiu um altar de vidro, danificou o principal altar de mármore e arrancou uma bandeira americana. Em poucos minutos, o santuário da Igreja de St. Aloysius era um montão de destroços.

Harmon saiu em seguida da igreja, com o rifle, e começou a alvejar os carros e quem passasse. Robert Fees, de 63 anos, empregado da igreja, foi atingido por três balas; Michael Clark, estudante de 18 anos, foi alvejado nas costas; Thomas Brass, ferroviário, levou um tiro no braço direito; Robert Schroeder, estudante de 19 anos, foi baleado no ombro esquerdo, e um dos dois carros da Polícia que acorreram ficou crivado de balas. Por fim, o próprio Harmon caiu, mortalmente atingido pelo fuzil de um policial e por três balas de revólver calibre 38. Enquanto um sacerdote jesuíta atraído pelo tiroteio lhe administrava os últimos sacramentos, Harmon perguntou, arquejante:

«Oh, Deus, por que tenho de ser eu a morrer?»

Por que esta orgia assassina? «O processo diz que Larry foi morto por balas da Polícia», disse o acabrunhado pai, um conhecido advogado de Spokane. «Mas não foram as balas. O que o matou foi o LSD.»

LARRY era o quarto dos cinco filhos do casal E. Glenn Harmon. De inteligência excepcional, aprendeu a ler aos três anos e, enquanto aluno secundário, estudava cálculo de nível universitário em Gonzaga. Os professores consideravam-no o maior cérebro para Matemática que jamais haviam encontrado, mas Larry era também bom estudante nas outras matérias. Além disso, praticava luta, atletismo e natação e era primeiro trombone da orquestra da escola. Tirou o primeiro lugar entre 260 alunos, e no outono de 1968 matriculou-se no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, para estudar Física Nuclear.

No Instituto, travou conhecimento com a maconha. Achou-a, como diria mais tarde, «muitíssimo agradável». Depois, no seu 19.º aniversário, tomou metade de um comprimido que lhe disseram ser de LSD. A «viagem» foi péssima, com alucinações incríveis. «O Inferno existe», afirmou mais tarde ao pai. «Estive lá e falei com o próprio Diabo.»

Apesar da viagem má, Larry voltou a tomar LSD, um quarto de comprimido. «Ele apostou o cérebro contra o LSD», disse o pai.

«Apostou, e perdeu.» A segunda experiência desencadeou um fanatismo religioso que jamais o largaria. Larry convenceu-se de que Cristo era um impostor, e quis dizê-lo a toda a gente, em toda a parte.

Em julho de 1969, voltou para casa. «Ao apanhá-lo no aeroporto», recorda Glenn Harmon, «ele estava num estado de grande entorpecimento. Levamo-lo ao hospital e a um psiquiatra, que consultou outros colegas. Os médicos disseram-nos que só nos restava pedir a Deus que o LSD não tivesse causado danos irreparáveis ao seu cérebro.»

Numa coisa Larry se manteve absolutamente inalterável: afirmava que Cristo era, na realidade, o Demônio. Em março de 1971, saiu de casa, deixando apenas um bilhete dizendo: «Encontrarão meu carro no aeroporto.» Partira para Israel, sozinho. Em Jerusalém, dirigiu-se ao Santo Sepulcro, apagou todas as velas e espezinhou o sepulcro, para exprimir o seu desprezo por Cristo e pela cristandade. Foi preso e posto na cadeia. O pai voou a Israel e trouxe o filho de volta.

Os Harmon foram para a sua casa de verão, no Lago Coeur d'Alene, em Idaho. «Os médicos recomendaram o trabalho como, talvez, a melhor terapia para Larry», recorda o pai. «Ele trabalhava muito, cortando mato, falava em voltar para o Instituto e, às vezes, parecia curado.»

Chegou o dia 11 de novembro. Os pais de Larry estavam fora de casa, devido a uma doença na família. O sossegado e inteligente

DESDE a morte de Larry, seus pais receberam mais de 1.000 cartas de pais e mães. Todas exprimem condolências pela sua dor e preocupação. Algumas falam da provação do seu filho com as drogas na universidade e fora dela. «Talvez Deus tenha consentido o sacrifício deste seu filho tão inteligente para salvar inúmeros outros jovens», escreveu um casal. «Muitos jovens de hoje julgam possuir a resistência física e mental necessária para entrarem no jogo das drogas e ganharem. Se Larry tivesse sido um rapaz comum, o fato de perder a batalha com o LSD não teria impressionado tanto. Mas, devido à sua inteligência excepcional, é natural que outros jovens pensem duas vezes antes de brincarem com drogas. Muitos perguntarão: 'Se Larry não conseguiu ganhar, como poderei eu?'»

Larry meteu o rifle e a marreta no carro e pôs-se o caminho da Igreja de St. Aloysius, a um canto da Universidade de Gonzaga.

DEPOIS do enterro, o pai de Larry Harmon escreveu: «O que aconteceu a Larry está acontecendo a outros dos nossos jovens. Isso tem de acabar. Um amigo telefonou-me pedindo-me que liderasse uma campanha contra drogas e disse-me: 'A Polícia não faz nada.' Perguntei-lhe: 'E você, que fez?' Não me respondeu — tal como nós todos temos feito, enquanto se alastra a ameaça das drogas. Os que conhecem fatos e se calam estão ajudando os traficantes. Minha mulher e eu fomos culpados desse pecado.

«Conhecemos garotos cujas ações nos dizem claramente que estão

fumando maconha, e ficamos discutindo se deveríamos ou não alertar os pais. Contemporizamos, não dissemos nada. Mas agora diremos o que sabemos. Se todos, homens e mulheres, fizerem o mesmo, será uma ajuda. Haverá pais que se sentirão ofendidos, mas muitas crianças serão salvas.

«Digo aos jovens: 'Jamais saberão quando as drogas farão de vocês outros Larry Harmon. Jamais saberão quando serão os seus cérebros a serem dominados, controlados, destruídos.'

«Se você é pai, converse com seus filhos sobre drogas. Nós conversamos com Larry, mas não o bastante, nem a tempo. Estávamos convencidos de que a sua inteligência o protegeria. Quando já era tarde demais, falávamos das drogas a toda a hora, mas nunca conseguimos quebrar o encanto que elas tinham lançado sobre o seu espírito.

«Se todos os pais que tiveram um filho vitimado pelas drogas contassem publicamente a sua história, o impacto seria maciço. Se todas as famílias que perderam um ente querido roubado pelas drogas contassem a amarga verdade, a lista de mortes e destruição abalaria o mundo. E todas as crianças saberiam a verdade: as drogas são malditas, as drogas levam tragédia a todos os lares onde entram.»